



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

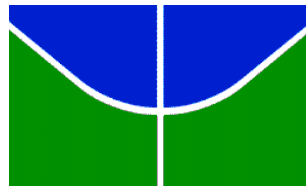
Nacionalismo bolsonarista:

A retórica nacionalista durante a campanha presidencial de 2018

Jonas Bardy Lubrano Gonçalves

Brasília – DF

Agosto/2021



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

Nacionalismo bolsonarista:

A retórica nacionalista durante a campanha de 2018

Jonas Bardy Lubrano Gonçalves

Monografia apresentada ao Curso de
Ciência Política, do Instituto de Ciência Política,
Universidade de Brasília, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em Ciência
Política sob a orientação do professor Mateus
Lôbo de Aquino Moura e Silva

Brasília- DF

Agradecimentos

Gostaria de prestar meus agradecimentos à minha família e amigos por todos os anos em que pareciam entretidos por mim ao discutir Política, História e afins.

Resumo

O ressurgimento de uma onda nacionalista, alcançando elevadas proporções na segunda década do século XXI, é um dos acontecimentos políticos de maior visibilidade, tanto para a pesquisa acadêmica em si quanto para os meios midiáticos. Sua capacidade de captação popular foi capaz de levar milhões às ruas ao redor do mundo e conquistar resultados eleitorais nas mais diversas proporções. Por isso, seu potencial e suas consequências políticas devem ser exaustivamente estudados. O Brasil é mais um exemplo de país a passar por tal fenômeno. Com a eleição de Jair Bolsonaro, na corrida presidencial de 2018, no esteio de uma profunda polarização política da sociedade brasileira, o país sul-americano entrou em capítulo desconhecido de sua história democrática, agora tendo um governo que pode ser classificado como de extrema direita. O uso da retórica nacionalista é uma constante do ideário bolsonarista, servindo como elemento agregador e unificador da população brasileira, ao mesmo tempo em que é excludente e calcado em reacionarismo e autoritarismo. Devemos buscar compreender alguns elementos que componham esse ideário nacionalista de forma a melhor entender o momento atual e seus desdobramentos no país.

Palavras-Chave: Nacionalismo, Bolsonarismo, extrema direita, Brasil.

Abstract

The resurgence of a nationalist wave that would reach high proportions in the second decade of the 21st century is one of the most visible political events, both for academic research itself and for the media. It's ability to attract people has been able to take millions to the streets around the world and achieve electoral results in the most diverse proportions. Therefore, its potential and even more its political consequences must be thoroughly studied. Brazil is yet another example of a country experiencing such a phenomenon. With the election of Jair Bolsonaro in the 2018 presidential race, underpinning a deep political polarization of society, the South American country entered an unknown chapter in its democratic history now having a government that can be classified as far right. The use of nationalist rhetoric is a constant part of the Bolsonarist ideology, serving as an aggregating and unifying element of the Brazilian population at the same time that it is exclusionary and based on reactionarism and authoritarianism. We must seek to understand some of the elements that compose this nationalist ideology in the process of better understanding the current moment and its unfolding in its Brazilian version.

Key Words: Nationalism, Bolsonarism, far-right, Brazil.

Índice de imagens

Figura 1. Atlas da violência.

23

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	O NACIONALISMO	8
2	POPULISMO	11
3	A EXTREMA DIREITA NACIONALISTA E O POPULISMO	14
4	O CASO BRASILEIRO: BOLSONARISMO	19
4.1	O NACIONALISMO BOLSONARISTA	19
5	DADOS.....	21
5.1	O PLANO DE GOVERNO.....	21
5.2	METAPOLÍTICA ¹⁷	24
5.3	VÍDEOS DE PROPAGANDA ELEITORAL PARA O SEGUNDO TURNO.....	27
5.4	O DISCURSO DE VITÓRIA.....	29
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	Referências bibliográficas.....	32

1 INTRODUÇÃO

1.1 O NACIONALISMO

O nacionalismo é um dos fenômenos mais interessantes e plásticos da história política. Autores como Eric Hobsbawm (1991) e Benedict Anderson (2013[1983]) demonstraram em suas obras a capacidade que o nacionalismo tem de converter ideais, além de seu apelo emocional, em políticas práticas nos diversos contextos da história. Assim, do surgimento da nação como ideia e da fundação do Estado-nação como instituição política, passando pela reivindicação de povos à autodeterminação até o estabelecimento de regimes autoritários, conflitos armados e lutas anticoloniais, o nacionalismo teve papel de grande importância em alguns dos eventos históricos mais relevantes dos últimos séculos.

Para Hobsbawm, a nação é um produto da Era Moderna, sendo uma construção humana para atender as necessidades que grupos dominantes tinham de criar algum elemento agregador para sociedades no contexto de colapso da ordem absolutista e da progressiva perda de influência da religião na Europa dos séculos XVIII e XIX. Neste contexto, Anderson concebe as nações a partir do conceito de “comunidade imaginada”, isto é, uma espécie de sentimento de pertencer a um coletivo de pessoas que, por suas dimensões, torna impossível que seus membros venham a se conhecer pessoalmente.

Importante salientar que, por sua grande capacidade de apresentar-se de diferentes formas, não é possível caracterizar o nacionalismo como uma ideologia algo concisa e única. Como aponta Nascimento (2003), não existe qualquer consenso entre estudiosos ou definição precisa do que seja nacionalismo e ainda mais “se sua essência é democrática ou autoritária, ou então se o nacionalismo é construção das elites ou manifestação de elementos primordiais das comunidades humanas” (Ibidem, p. 33).

Apesar do entendimento do nacionalismo e das nações como elementos integrantes da Modernidade, movimentos nacionalistas tendem a pressupor as nações como comunidades perenes e mesmo primordiais, baseadas em laços comuns de caráter étnico/racial, linguístico, religioso, cultural, entre outros. Dessa forma, as nações seriam compostas por características essenciais, algo que é irreal, pois, observa Nascimento: “o problema é que o estudo comparativo de casos e a pesquisa histórica indicam que não há características essenciais da nação” (Ibidem, p. 39).

Isso nos leva à discussão quanto aos tipos de nacionalismos, dos quais os mais reconhecidos são o cívico e o étnico ou cultural. O nacionalismo cívico remonta à Revolução Francesa e está baseado em ideias de inclusão, lealdade cívica, adesão às instituições políticas soberanas, racionalidade e o entendimento de que a nação é o povo e dele emana a legitimidade do Estado (HEYWOOD, 2010). De caráter liberal, o nacionalismo cívico busca ir além das “características essenciais” que formariam a nação, fundamentando o pertencimento à mesma a partir do conceito de cidadania política.

Já o nacionalismo étnico ou cultural baseia-se em sentimentos mais primais. Sangue e solo. As afinidades raciais, culturais, religiosas, uma história antiga e comum, uma mistura de mito e misticismo sustentam o nacionalismo de tipo étnico, assim formando o espírito de uma nação. Segundo Greenfeld (1992), essa forma de nacionalismo surgiria através de um processo da “transvaloração dos valores”, que, ao lidar com o aspecto psicológico do ressentimento, leva à que uma nação atribua valores negativos à aspectos de uma outra, enquanto valoriza de uma forma positiva seus próprios traços culturais. Dessa forma, o nacionalismo de tipo étnico possuiria tendências autoritárias, podendo assumir uma natureza beligerante, como pode ser observado, por exemplo, na Alemanha nazista. Embora seja necessário apontar que uma identidade nacional não pode ser completamente desprovida de componentes étnicos, pois uma fundamentada inteiramente em princípios cívicos e democráticos é irreal (NASCIMENTO, 2003, p. 44).

Ou seja, é importante tratar do nacionalismo como fenômeno político em si e como este pode servir de instrumento para as mais variadas ideologias políticas ou mesmo como programa político de determinados movimentos. Como dito anteriormente, o nacionalismo é um fenômeno demasiadamente complexo, sua plasticidade retórica e ambiguidade, bem como o próprio objeto do qual parte (a nação), foram capazes de gerar muitas vertentes nacionalistas através do tempo, que são na maioria das vezes contraditórias.

De sorte que, apesar da origem liberal no contexto de formação dos modernos Estados-nação europeus, alimentando revoluções e questionamentos contrários à ordem vigente de então, o nacionalismo pôde assumir outras tendências e se fazer presentes em variados contextos do século XIX através do XX. Como Andrew Heywood demonstra em “Ideologias Políticas – Do Liberalismo ao Fascismo” (2010), o nacionalismo também é capaz de assumir caráter conservador apegando-se ao orgulho de glórias passadas, patriotismo, rituais, comemorações e valores como forma de garantir a manutenção da ordem e da coesão sociais.

O nacionalismo também já foi responsável, ou ao menos um dos principais combustíveis, para diversos conflitos armados. A competição econômica e a corrida

armamentista que levaram à Primeira Guerra Mundial tinham como óleo a rivalidade entre as nações europeias que buscavam aumentar os territórios sob seu controle e o acesso à recursos, dentro e fora do continente. Com a ascensão do fascismo e sua versão alemã, o nazismo, o nacionalismo se apresentou em uma versão como nunca antes radicalizada, levando à eclosão da Segunda Guerra Mundial e ao genocídio dos judeus entre outros, por exemplo.

Porém, vale comentar que o nacionalismo também se apresentou como ferramenta crucial nas lutas anticoloniais de libertação na formação e independência dos novos Estados-nação na África e na Ásia no século XX. Como lembra novamente Heywood: “a experiência da colonização ajudou a forjar um senso de nacionalidade e um desejo de libertação nacional entre os povos da Ásia e da África, dando origem a uma forma de nacionalismo com um nítido viés anticolonial” (Ibidem, p. 171).

Neste início de século XXI, Francis Fukuyama chama a atenção para o porquê de as identidades nacionais ainda importarem. Para ele, a identidade nacional, deve ser compreendida desde a forma a partir da qual se constitui, quem ela abarca e qual seu papel nas sociedades contemporâneas e na vida política dos países. *In verbis*:

A identidade nacional origina-se na crença compartilhada na legitimidade do sistema político do país, seja ou não um sistema democrático. A identidade pode estar baseada em leis e instituições formais que ditam, por exemplo, qual idioma ou idiomas serão considerados os oficiais, ou o que as escolas ensinarão às crianças sobre o passado do país. Mas a identidade nacional também se estende ao domínio da cultura e dos valores. Ela consiste em histórias que as pessoas contam sobre si mesmas: de onde vieram, o que comemoram, suas memórias históricas comuns e suas expectativas sobre o que é preciso para se tornar um membro legítimo da comunidade. (FUKUYAMA, 2018, p. 56)

Apesar da má reputação que a própria ideia de identidade nacional teria assumido devido às experiências do nacionalismo do século XX, Fukuyama elenca diversas razões quanto à sua importância. A própria segurança física dos Estados contra separatismos internos; a contribuição para a qualidade dos governos na forma de um senso de identidade comum sólido, leva à promoção de um maior sentimento de confiança mútua, que poderia agir tanto dentro dos próprios Estados-nação quanto como entre as nações, são algumas delas. Além disso, o autor afirma que as identidades nacionais possibilitam a própria existência da democracia como organização política, ao garantir legitimidade ao contrato social entre os cidadãos e entre estes e seus governos. Por fim, ele defende uma visão liberal do nacionalismo:

As identidades nacionais podem ser construídas em torno de valores políticos liberais e democráticos e em torno de experiências comuns que funcionam como o tecido conjuntivo que permite a comunidades com grande diversidade

prosperar. Canadá, França, Índia e Estados Unidos são exemplos de países que tentaram cultivar identidades nacionais ao longo dessas linhas (Ibidem, p. 8)

Em resumo, a identidade nacional se organiza em torno do sentimento de pertencimento e fidelidade à uma comunidade mais ampla que é a nação. Como notou Anderson (2013), tal sentimento se ampara numa construção psicológica desenvolvida através do tempo, se materializando no mundo a partir de múltiplos aspectos, como território, língua, memória do passado, relações econômicas e uma cultura comum associadas a um determinado povo.

O objetivo do presente trabalho é justamente identificar elementos e tendências que compõe a retórica nacionalista no discurso de campanha do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Entende-se aqui que suas ações e seus discursos são fenômenos representativos da extrema direita brasileira num contexto global de ascensão de movimentos nacionalistas de caráter populista. Metodologicamente, o estudo foi empreendido por meio de uma pesquisa exploratória em fontes primárias com uma breve revisão de literatura existente a respeito dos conceitos de nacionalismo, populismo e extrema direita, de forma a constituir o arcabouço teórico para o estudo do objeto em questão. Foram usadas como fontes: o plano de governo “O caminho da Prosperidade”, o *blog* Metapolítica17, os vídeos de propaganda eleitoral de Bolsonaro do segundo turno das eleições de 2018 e o discurso de vitória do ex-capitão do Exército. O recorte temporal adotado correspondeu ao período entre os dois turnos das eleições de 2018, dias 7 e 28 de outubro de 2018.

Na seção a seguir, se discutirá o populismo, por este ser um conceito que se encontra por diversas vezes correlacionado ao nacionalismo. Depois será trabalhado a concepção de extrema direita, sobretudo, em seu caráter atual caracterizado pela retórica populista de cunho nacionalista. Em seguida, a análise dos dados utilizados para esta pesquisa é apresentada buscando evidenciar o conteúdo do “nacionalismo bolsonarista”. Por fim, as considerações finais.

2 POPULISMO

Antes de proceder à questão da extrema direita e sua relação com o nacionalismo no Brasil, se impõe um breve apanhado à respeito do populismo, pois, neste tocante, os conceitos se encontram relacionados, sendo a grande maioria dos partidos ou grupos ditos de extrema direita, além de nacionalistas, populistas (BETZ, 2018).

Há muita discussão quanto à natureza do populismo, mas, ao invés de concebê-lo como uma espécie de ideologia política, é mais interessante entendê-lo como uma forma de retórica

e estratégia política em que um líder carismático utiliza do apoio que detém das massas para almejar chegar ao poder ou, se já o alcançou, governar (Cf. Weyland, 2017, p.3). Como forma de se fazer política, o populismo busca na mobilização das massas sua força motriz para a construção de uma narrativa que apele para as emoções do público. Esse aspecto sentimental do populismo geralmente invoca emoções de ultraje, indignação, ressentimento, raiva e de injustiça sofridas pelo público com o qual busca se dialogar. Nessa direção, o discurso político passa a ser construído na procura de elaboração de respostas para perguntas como “o que deu errado?”, “quem são os culpados?” e “o que nós podemos fazer a respeito disso?” (BETZ, 2018; OST, 2004).

Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017) argumentam que invariavelmente o populismo envolve a crítica do *status quo* predominante junto à uma idealização do povo, que é então colocado em oposição à uma elite corrupta preocupada apenas com seus próprios interesses. O populismo não comporia uma ideologia completamente formada (“*thin-centered ideology*”), mas funcionaria a partir de uma visão moralizada da sociedade sendo sua principal característica o monismo¹. Sendo assim, o populismo:

(...) considera a sociedade como sendo fundamentalmente dividida entre dois campos homogêneos e antagônicos, “o povo puro” e a “elite corrupta”, cujo argumento é o de que a política deveria ser a expressão da Vontade Geral do povo”. (MUDDE e KALTWASSER, 2017; p. 6, tradução nossa)²

Ademais, o populismo não possui uma forma única e pura de ser, podendo se apresentar em diferentes matizes ideológicas políticas, acolhendo diferentes ideologias, associando-se à esquerda ou à direita, tendo caráter conservador ou progressista. Quando assume uma orientação de esquerda, pode embasar seus discursos em pautas de feição socialista, já quando se manifesta como um populismo de direita, tende a ter o nacionalismo como base discursiva. De qualquer forma, o populismo sempre é crítico da democracia liberal defendendo formas mais diretas de participação coletiva. (cf. MUDDE, Cas. Populismo a Ocidente. Fundação Francisco Manoel dos Santos, 2016. Disponível em: < ffms.pt/artigo/1608/populismo-a-ocidente >. Acesso em 25/05/2021).

Outra característica que acompanha o populismo é a instrumentalização de ressentimentos. Ele exige que aqueles que provocaram as mazelas sofridas pelos ressentidos devam ser responsabilizados, havendo uma esperança de que algum grau de justiça possa ser

¹ Aquilo que atribui unidade ou singularidade a um conceito.

² That considers society to be ultimately separated into two homogenous and antagonistic camps, “the pure people” versus “the corrupt elite”, and which argues that politics should be an expression of the *volonté générale* of the people.

alcançado. O político populista usa disso como aparato discursivo na forma em que coloca em oposição o povo, injustiçado, e a elite, ou grupo privilegiado, que se beneficia do sofrimento do primeiro. Betz (2018) discute uma diferenciação entre *resentment* e *ressentiment*, em que o primeiro se encaixa com a descrição do início do parágrafo, enquanto que o segundo se caracteriza por um profundo sentimento de impotência e inferioridade:

É isso o que diferencia *resentment* de *ressentiment*. *Ressentiment* é um afeto baseado num senso de imutável impotência e inferioridade; ele chafurda numa vingança reprimida e numa vitimização passiva. Ele tende a transformar queixas legítimas em uma “inveja radical” ou um “ódio invejoso” (tradução nossa). (BETZ, 2018, p. 5, tradução nossa)³

E ainda, diz ele:

A mobilização do *resentment* sempre esteve proeminentemente presente no populismo. Então o perigo de que o *resentment* degenera em mero *ressentiment*, refletindo o rancor de estratos sociais deixados para trás pela modernização⁴ (tradução nossa).

Não havendo distinções na grafia da palavra em português, o que se importa notar é o impacto perigoso que o ressentimento quando muito profundo pode ter no discurso populista, o que se torna mais aparente devido à visão maniqueísta de mundo que o populismo tende a utilizar. Mais uma vez, dividindo a sociedade em dois grupos, o populismo muitas vezes contrapõe uma maioria oprimida, o cidadão comum, contra uma minoria privilegiada, as “elites”. Dessa forma o populista busca criar um vínculo de identificação com a massa da população, com a pessoa comum, se apresentando como a real “voz do povo”, aquele que realmente ouve e entende os anseios da multidão, o que Weber denominou como dominação carismática.

Em síntese, a retórica populista parte então do apelo à um determinado grupo dito majoritário (o povo, a nação), por parte de uma figura carismática de um líder que compreende suas queixas e demandas. Esse público é considerado vítima dos desmandos de elites políticas e econômicas que não se importariam com eles, seguindo uma métrica de construção do inimigo e de um “nós” contra “eles”, em que o público, o “povo”, detém a qualidade de moral enquanto que tais elites são corruptas e mesquinhas. Por fim, a instrumentalização de sentimentos tais como indignação, medo, raiva, ressentimento e mesmo ódio voltadas para aspectos da vida

³ This is what differentiates *resentment* from *ressentiment*. *Ressentiment* is an affect grounded in a sense of immutable powerlessness and inferiority; it wallows in repressed vindictiveness and passive victimhood. It tends to turn legitimate grievances into “radical envy” or “envious hatred”.

⁴ The mobilization of *resentment* has always featured prominently in populism. So has the danger that *resentment* degenerates into mere *ressentiment*, reflecting the rancor of social strata left behind by modernization.

socioeconômica ou cultural e de valores estabelece uma visão maniqueísta de mundo entre os “bons” e os “maus” (c.f. MUDDE, KALTWASSER (2017); BETZ(2018)).

3 A EXTREMA DIREITA NACIONALISTA E O POPULISMO

A ascensão de um populismo de direita em diversos países ao redor do mundo é um dos fenômenos mais notáveis que podemos observar nos últimos anos. Tanto por meio de partidos políticos ou de movimentos sociais, nas ruas, bem como através na internet, esses grupos conseguiram alcance de público e reverberação eleitoral guiados por líderes carismáticos. Na Europa⁵⁶, em países como a Hungria e a Polônia⁷, onde chegaram a constituir o Executivo e controlar a maior parte do Legislativo e do Judiciário, além do crescimento eleitoral de partidos como o francês Frente Nacional (atual “Reunião Nacional”) e o Alternativa para a Alemanha, AfD. Provavelmente, porém, o maior feito desta tendência tenha sido a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos⁸, contrariando a maioria das pesquisas de intenção de voto.

A direita populista deve ser caracterizada como sendo uma direita radicalizada em seus posicionamentos, diferentemente do que poderíamos nos referenciar à direita tradicional. Na definição clássica de Norberto Bobbio (1994), temos que o espectro político é tradicionalmente dividido em Esquerda e Direita, sendo a primeira mais associada à defesa de um ideal de igualdade que leve à superação de injustiças; enquanto que a segunda ideologia tenderia a aceitar as desigualdades como naturais do ser humano, colocando seu foco na defesa da liberdade. Em ambos os lados iremos encontrar moderados e radicais, visões mais brandas e mais extremadas. A distinção pode ser ainda mais claramente compreendida se usarmos o tratamento que as correntes dão ao ideal de igualdade e a forma como o ideal de liberdade é trabalhado para distinguir entre suas formas moderadas e extremadas.

A direita aqui definida como extrema é caracterizada devido ao escopo ideológico de suas organizações e sua postura diante de diversos aspectos da vida social. Diversos autores têm se debruçado nas últimas décadas sobre essa temática a fim de encontrar elementos em comum que auxiliem na identificação de partidos políticos e movimentos sociais, entre outros,

⁵ Vide: <https://www.dw.com/pt-br/extrema-direita-avan%C3%A7a-na-europa/a-48527752>.

⁶ Vide: <https://exame.com/mundo/eleicoes-do-parlamento-europeu-tem-avanco-da-ultradireita/>.

⁷ Vide: <https://www.tuc.org.uk/sites/default/files/Case%20study%20Hungary%20and%20Poland.pdf>.

⁸ <https://www.bbc.com/news/election-us-2016-37899026>.

como sendo de extrema direita. Diferentemente de seus contrapartes fascistas da primeira metade do século XX, a extrema-direita atualmente não se apresenta, ao menos não à primeira vista, como antidemocrática, isto é, não almeja uma superação ou aniquilação do sistema democrático (RYDGREN, 2018). Todavia, demonstra certo desprezo pela forma como a democracia representativa funciona e suas instituições.

Partidos e políticos da extrema direita se apresentam como democratas por defenderem uma democracia mais direta, se apresentam como a verdadeira voz do povo contra os interesses escusos que controlam a política tradicional. Como exemplos disso temos Donald Trump em seu discurso de posse em que afirmou que “por muito tempo, um pequeno grupo na capital de nossa nação colheu as recompensas do governo enquanto o povo assumiu o custo. Washington floresceu, mas o povo não compartilhou sua riqueza. (...). O sistema se protegeu, mas não aos cidadãos de nosso país. As vitórias dele não foram as suas vitórias. O triunfo dele não foi o de vocês. (...) Os homens e mulheres esquecidos de nosso país não serão mais esquecidos” (G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/veja-integra-do-discurso-de-posse-de-donald-trump.ghtml> . 2017. Acesso em: 25/05/2021).

O caráter populista da extrema direita é evidente. Para Hans-Georg Betz (2018), “ a direita radical (extrema) contemporânea é, em sua maioria, uma direita radical populista”⁹ (tradução nossa), cujo principal alvo é um ataque ao *establishment* político tradicional. O populista da extrema direita se apresenta, assim como populistas de outras matizes, como aquele capaz de ouvir e representar a voz do povo, abandonado pelos políticos tradicionais, que servem a interesses próprios, ou escusos. Ainda mais, ele ou ela se vende como o defensor da verdadeira democracia. O populismo da extrema direita é assim antissistema na forma em que se coloca como a verdadeira vontade popular contra a política tradicional, o “político profissional” à serviço das “elites”, englobando com isso não somente o partido que estiver no poder como também a oposição estabelecida.

A postura de “contra tudo isso que está aí” em defesa de um cidadão comum, que é o verdadeiro patriota, visa transformar a classe política toda em uma mesma massa homogênea indiferente aos reais anseios do povo, ignorando as questões realmente importantes (RYDGREN: 2018). Essa disputa antagônica integra um discurso de “nós” vs “eles” é essencial para a construção da narrativa de que a nação está sob ameaça, inclusive interna, com conspiradores e traidores que atentam contra a verdadeira ordem das coisas.

⁹ The contemporary radical right is, in its majority, a populist radical right.

Nesse sentido, a extrema direita se beneficiou bastante da adoção do discurso populista, pois lhe permitiu adesão de camadas da população em vários países, as quais antes não conseguia tanto acesso, como classes trabalhadoras, que geralmente se identificariam mais com ideários de esquerda. Fraser (2000), mostra um pouco desse processo a partir da mudança de ênfase que as esquerdas tiveram, em diversas partes do mundo, ao deixar de lado políticas redistributivas igualitárias em nome de políticas identitárias num momento de expansão do capitalismo e da globalização, justamente um momento de aumento das desigualdades sociais. Isso então teria possibilitado a instrumentalização do ressentimento das massas de trabalhadores que se sentiam esquecidos e com suas inseguranças econômicas exacerbadas.

No campo econômico, a postura política de extrema direita pode variar no tempo e local, mas na maioria das vezes é adotada uma postura protecionista relativa tanto ao comércio internacional, algo que esquerdas políticas também costumam defender. Rydgren argumenta que devemos focar na agenda sociocultural da extrema direita como forma de identificá-la ao invés da econômica:

Mais importante, de qualquer forma, é sua hostilidade a medidas que tenham como objetivo a redução de desigualdades baseadas na etnia, status migratório, ou mesmo gênero. Aqui seu programa político tem se direcionado não somente à manutenção, mas também aumentar radicalmente desigualdades em favor dos “nativos”. Mais amplamente, nós não devemos colocar a direita radical na direita política devido aos seus posicionamentos socioeconômicos, de forma que podemos encontrar relativa grande variedade nesses posicionamentos através do tempo e em diferentes países. Ao invés, devemos olhar para seus posicionamentos na esfera sociocultural da política, onde se relaciona com questões carregadas de valor, como identidade nacional, “Lei e Ordem”, políticas migratórias, aborto, entre outros (i.e., liberalismo sociocultural vs autoritarismo) (tradução nossa). (RYDGREN, 2018, p.3)¹⁰

A prioridade dada às questões culturais pela extrema direita revolve sobretudo à questão que é sua base de sustento: identidade nacional. Para Tamir Bar-On (2018), nacionalismo é o conceito mestre da extrema direita. No contexto europeu que o autor analisa, esse nacionalismo é de natureza étnica em que os membros da nação são aqueles pertencentes ao grupo étnico majoritário, em contraponto ao chamado nacionalismo cívico ou liberal, em que a participação na nação é definida pela adesão dos indivíduos às instituições e leis que regem tal nação. Isso explica a forte oposição a políticas migratórias em diversos países do continente.

¹⁰ More important, however, is their hostility to measures aimed at reducing inequalities based on ethnicity, immigration status, or even gender. Here their political program has been directed toward not only maintaining but also radically augmenting inequalities in favor of the “natives.” More broadly, we should not place the radical right to the right primarily because of its position on socioeconomic politics, as here we find relatively large variations over time and across countries. Rather, we should look at its positions on sociocultural politics, which relate to value-laden issues such as national identity, “law and order,” immigration policy, abortion, and so on (i.e., sociocultural liberalism versus authoritarianism).

O autor frisa que o nacionalismo serve como âncora para as direitas radicais e ainda mais que lhes é seu “salvador” e seu “oxigênio”, sem esse o qual as direitas radicais não teriam onde embasar alguns de seus principais pressupostos ideológicos:

(...) o nacionalismo (étnico) é a salvação da extrema direita, seu oxigênio diário, e — sem desrespeito ao Cristianismo— seu Pai, Filho e Espírito Santo. Sem o nacionalismo étnico, a extrema direita se encontraria desprovida de seus principais argumentos (tradução nossa). (BAR-ON, 2018, p.2).¹¹

Entre esses principais argumentos, elenca:

Ameaças à cultura e identidade nacionais e mesmo sobrevivência étnica provindas da globalização capitalista, americanização, terrorismo e, especialmente, uma ‘inundação demográfica’ pró-imigração e guetos culturais criados a partir da crescente presença de imigrantes não-brancos, mulçumanos, refugiados e requerentes de asilo (tradução nossa). (BAR-ON, 2018 p. 3)¹²

Algo central, para essa interpretação do fenômeno nacionalista, parte da noção de que as pessoas temem mais a perda de identidade do que perdas econômicas, pois as últimas são mais facilmente revertidas. Derivando disso, a extrema direita nutriria uma aversão às organizações de cooperação internacional, tais como a União Européia, ONU, OMS, entre outras, por promoverem uma agenda multicultural e a defesa de imigrantes. O que é encarado como intervencionismo nos assuntos domésticos dos países, ao colocar em xeque a identidade e soberania nacional dos países.

Contra esse processo de destruição da identidade, os partidos, e demais grupos de extrema direita, defendem um nacionalismo radical, antipluralista e restrito que idealiza o passado da nação, almejando o retorno a tempos em que a sociedade funcionava de forma melhor, recolocando o cidadão “nativo” de volta a seu lugar de dominância política, legal, econômica e cultural. Nota-se uma postura crítica ao *welfare* por beneficiar imigrantes, outsiders, em detrimento dos cidadãos “nativos”. Isso está calcado na desconfiança com as elites políticas de ambos os lados do espectro político, pois: “contra a direita e a esquerda *mainstream*, a direita radical busca estimular seus apoiadores com um fervor nacionalista radical assim como um profundo orgulho pelas conquistas do passado nacional¹³” (BAR-ON, 2018; p. 3; tradução nossa).

¹¹ (...) (ethnic) nationalism is the savior of the radical right, its daily oxygen, and —without any disrespect to Christianity—its Father, Son, and Holy Ghost. Without ethnic nationalism, the radical right would be deprived of its principal arguments.

¹² Threats to cultural and national identity and even ethnic survival stemming from capitalist globalization, Americanization, terrorismo and especially pro-immigration “demographic swamping” and cultural ghettos created through the growing presence of non-white and muslim immigrants, refugees and asylum seekers.

¹³ Against the mainstream right and left, the radical right aims to instill its supporters with radical nationalist fervor as well as profound pride in the accomplishments of the national past”.

De sorte que se a extrema esquerda critica a União Europeia por seu caráter neoliberal, anti-trabalhador e a favor do grande capital, a extrema direita rejeita a UE fundamentando-se basicamente nos princípios de soberania nacional (RODRIGUEZ-AGUILERA DE PRAT, 2013). O pluralismo e multiculturalismo, são enxergados como imposições que não representam os reais interesses dos habitantes do país, logo, por isso, são tachados como sendo antidemocráticos pela direita radical:

(...) diferenças étnicas ou religiosas, direitos de minorias, imigração, multiculturalismo, imigrantes, refugiados e a UE são enxergados como antidemocráticos e contrários à vontade da maioria étnica dominante, como uma ameaça à existência de nações homogêneas e Estados soberanos, e como passos rumo à uma ordem mundial totalitária e universal na qual a igualdade e uniformidade cultural reinam (GRIFFIN, 2000; BAR-ON, 2018, p.4).¹⁴

Um último aspecto de relevância da extrema direita é a tendência por alimentar teorias da conspiração. Na busca por inimigos internos e externos, a extrema direita trabalha com a propagação de teorias acerca de realidades aparte, em que grupos atuam às sombras para manipular a sociedade.

Essa ameaça pode ser externa ou interna, o que importa é que os valores fundadores da nação correm risco de erodir ou serem destruídos por tais inimigos, esses podendo ser vários: liberais, socialistas, comunistas, “globalistas”, imigrantes, muçulmanos, feministas, gays, etc. E assim se trava uma guerra cultural pelo espírito da nação. A ideia contemporânea de guerra cultural parte do livro de 1991 de James D. Hunter, “Culture Wars: The Struggle To Define America”, cujo argumento é que visões diferentes sobre como a sociedade deveria ser entram em confronto pelas mentes da população.

A eleição de Trump e a crise de refugiados na Europa são vistos como dois exemplos de fatos que ajudaram no acirramento desses embates. Porém, a existência ou não de guerras culturais é motivo de debate e pode ser interpretada como argumento retórico para a direita radical na construção de seu discurso. Na próxima seção, será abordado o caso brasileiro, enxergando no fenômeno do bolsonarismo uma representação da extrema direita no Brasil. Seu caráter nacionalista e populista serão discutidos como enfoque, assim como o uso da guerra cultural como estratégia discursiva.

¹⁴ (...) ethnic or religious differences, minority rights immigration, multiculturalism, immigrants, refugees and the EU are viewed as anti-democratic and contrary to the will of the dominant ethnic majority, as a threat to the existence of homogenous nations and sovereign states, and as steps toward a universal “totalitarian” world order in which equality and cultural sameness reign.

4 O CASO BRASILEIRO: BOLSONARISMO

4.1 O NACIONALISMO BOLSONARISTA

O aprofundamento da crise política e econômica acabou por levar à interrupção do governo da então presidente Dilma Rousseff em 2016, em um controverso processo de impeachment. Michel Temer assumiu a presidência, iniciando, para Ariel Goldstein (2019), uma nova ordem direitista na política brasileira, marcada pela influência das forças de mercado de cunho neoliberal¹⁵, uma militarização do espaço público e um conservadorismo cultural; o que se daria em um contraponto às tendências progressistas e desenvolvimentistas dos governos anteriores (Lula, 2002 - 2010; Dilma 2010 -2016).

Em artigo publicado em 2018, Vera Cepêda realiza uma comparação histórica sobre como diversos autores trataram e definiram o que poderia ser descrito como direita política. O que fica claro é que tais definições devem ser contextualizadas no espaço e no tempo. Dessa forma, o presente trabalho busca compreender o bolsonarismo, fenômeno recente associado a Jair Messias Bolsonaro, atual presidente do Brasil, como expressão da extrema direita brasileira no século XXI.

As eleições de 2018 realçaram um momento crítico da história democrática brasileira. Marcada pela polarização extremada da sociedade e pela força do antipetismo, foi decidida no segundo turno entre Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), culminando na vitória do último. Bolsonaro pode ser compreendido como representante se não de uma “nova” direita, mas uma direita diferente da que podemos denominar direita tradicional, moderada. Fabiano Santos e Talita Tanscheit (2019), argumentam que ocorreu nas eleições de 2018 uma troca de guarda na direita brasileira, sendo a moderada substituída pela direita radical, tendo como resultado a eleição de Bolsonaro à presidência e ascensão do Partido Social Liberal (PSL) no Congresso. Segundo os autores, o envolvimento da direita tradicional em dois dos principais episódios políticos do país nos últimos anos, o processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff (PT) em 2016 e os desdobramentos da Operação Lava Jato, acabaram por não só afetar a imagem do Partido dos Trabalhadores, mas sim por erodir a confiança no sistema político como um todo, incluindo os partidos da direita moderada. Dessa forma, a ascensão política da direita radical seria um efeito inesperado e indesejado das articulações da direita moderada.

A extrema direita, como já discutido anteriormente, possui entre algumas de suas principais características o nacionalismo, a aversão ou crítica à democracia representativa, a

¹⁵ Doutrina que defende a primazia do livre-mercado e a intervenção mínima do Estado na economia.

xenofobia, o reacionarismo, adotando como táticas de estratégia política um populismo calcado numa visão moralizada da política e no orgulho nacional, sendo guiadas pela figura de um líder carismático. Fabiano Santos e Talita Tanscheit (2019), caracterizam a direita radical brasileira em três fatores:

- D) Em relação à economia, por visão de orientação neoliberal, marcada por uma postura radicalmente não intervencionista do Estado na economia;
- II) Em relação às desigualdades socioculturais, por pautas conservadoras no âmbito comportamental e pela defesa da ingerência do Estado nas escolhas privadas de indivíduos e famílias em questões relativas à orientação sexual, religiosa, cultural e educacional;
- III) No âmbito da democracia, por hostilidade ao sistema político e a forma pela qual a representação política é desempenhada no país, buscando suprimir discursos e partidos políticos oposicionistas. (SANTOS; TANSCHIEIT, 2019, p.157)

Por fim, os autores salientam que o programa político da extrema direita representada no bolsonarismo, aqui entendido como fenômeno ligado à figura do então deputado Jair Bolsonaro, representa grande novidade na história política brasileira. No esteio de descontentamento social, polarização política e antipetismo, a extrema direita bolsonarista ascende no cenário político brasileiro de forma que “Bolsonaro e o PSL optaram por conjugar o autoritarismo e o neoliberalismo de forma inovadora e acrescida de agenda de forte conservadorismo comportamental e de cunho religioso” (SANTOS; TANSCHIEIT; 2019, p. 180). Se a agenda pró-mercado pode ser motivo de contestação¹⁶, os aspectos reacionários e autoritários se fazem mais claros na análise do discurso bolsonarista, evidenciado, por exemplo, em sua compreensão do nacionalismo. O nacionalismo pode ser entendido como um fenômeno localizado no tempo e que pode tomar matizes tanto de esquerda quanto de direita, podendo também ser liberal ou autoritário. O nacionalismo quando utilizado como programa político pela extrema-direita tende a ser exclusivista, étnico ou culturalmente centrado naquilo que se entende como sendo a nação de fato (BAR-ON; 2018). É algo que se viu levado a consequências extremas durante o nazismo e que se mantém presente no discurso antiimigratório na Europa atualmente (HALIKIOPOULOU; VLANDAS; 2019) e nos Estados Unidos com a chamada Alt-Right (GIROUX; 2017). O Brasil não sendo destino de imigrações em massa, o discurso bolsonarista não pode se basear na xenofobia de forma semelhante aos europeus ou americanos.

Segundo Angela Alonso (2019), durante a campanha eleitoral de 2018, o ideário bolsonarista tratou o nacionalismo através de três binarismos: nacionalismo vs globalismo;

¹⁶Vide: <https://www.dw.com/pt-br/aos-poucos-desmorona-o-mito-de-um-governo-neoliberal-no-brasil/a-56771745>
<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-qualquer-coisa-menos-liberal,70003171607>

pátria vs classe; e, por fim, pátria vs partido. O primeiro é bastante popular nos discursos de diversos partidos e movimentos identificados como de extrema-direita ao redor do globo, sendo constantemente usado no discurso da direita populista. Opõe-se à nação à influência de organizações ou fenômenos oriundos da globalização. Na Europa isso se manifesta através da xenofobia e do euroceticismo, seja na França, com o Frente Nacional de Le Pen ou na Hungria, governada por Viktor Órban¹⁷.

O segundo binarismo, o que opõe pátria e classe tem como objetivo uma homogeneização da sociedade, ou seja, antagonismos existentes, sejam eles de raça, gênero, classe social, ou qualquer outro, não tem importância perante a verdade moral máxima representada pelo interesse nacional (e pela divindade), e aqueles considerados seus porta-vozes. Associado à ideia de hierarquia e meritocracia, todos são brasileiros e a única coisa que separa e diferencia as pessoas é seu próprio esforço pessoal, dessa forma se contribui para preservação da ordem e coesão sociais.

O terceiro e último binarismo é o que se dá entre pátria e partido. “Meu partido é o Brasil” é um dos slogans mais populares dessa nova direita brasileira desde pelo menos as manifestações de 2013 e serve como uma forma de deslegitimar o fazer político tradicional, o que muitos autores chamam de antipolítica. No esteio da moralização da política nacional associado ao discurso de combate a corrupção, a forma de se fazer política até então é tachada como ineficiente ou simplesmente criminosa, prejudicando o “interesse nacional”. Dessa forma, existiria apenas uma trilha, um caminho correto. Diante de uma verdade absoluta, o debate de ideias característico do sistema político é então visto como inútil. Por fim, o slogan de campanha utilizado por Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, demonstra a combinação do fator nacionalista ao religioso.

Na próxima sessão, para averiguação de elementos nacionalistas de extrema direita na retórica bolsonarista foram escolhidas como fontes de dados: o programa eleitoral exibido em rede nacional; o plano de governo disponibilizado na internet e as postagens do blog “Metapolítica 17”, pertencente ao diplomata Ernesto Araújo, no espaço de tempo decorrido entre os dois turnos das eleições presidenciais de 2018, entre os dias 7 e 28 de outubro de 2018.

5 DADOS

5.1 O PLANO DE GOVERNO

¹⁷ Vide: <https://www.vox.com/world/2017/4/21/15358708/marine-le-pen-french-elections-far-right-front-national>; <https://www.vice.com/en/article/mbxp5a/viktor-orban-xenophobia-election-prime-minister>

O plano de governo da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, nas eleições presidenciais de 2018, foi nomeado “O caminho da prosperidade”. Organizado na forma de slides, o plano apresenta as principais propostas e promessas de campanha do então candidato.

O programa de governo defende o resgate de um país que teria sido tomado por uma crise moral, ética e econômica, em que o povo brasileiro deve ser libertado da corrupção endêmica da classe política (“toma lá, dá cá”), que teria enterrado o Brasil. Promete: “um governo que defenda e resgate o bem mais precioso de qualquer cidadão: a Liberdade. Um governo que devolva o país aos seus verdadeiros donos: os brasileiros” (slide 2).

O slide 4, afirma que o país é diverso em “opiniões, cores e orientações” e que os cidadãos têm o direito de fazer suas escolhas pessoais contanto que estas não interfiram na vida do próximo. Acaba por colocar a propriedade privada e a família como dois dos principais valores a serem defendidos. Já o 6, referente à “Direitos e Deveres”, enfatiza a obediência às leis e à Constituição Federal como ferramentas para a transformação da nação, declarando que “qualquer forma de diferenciação entre os brasileiros não será admitida”. O conceito de liberdade aparece diversas vezes como uma das bases do programa, argumentando-se que Bolsonaro e sua equipe são defensores da mesma que é definida como o “caminho da prosperidade” (slide 7).

O slide 8, por mais que de forma simplista como é característico de todo o programa, é um dos de maior carga nacionalista. Aqui ele é apresentado na íntegra:

(SLIDE 8) A NOSSA BANDEIRA É VERDE-AMARELA

- Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira.
- Queremos um Brasil com todas as cores: verde, amarelo, azul e branco.

PRECISAMOS NOS LIBERTAR!
VAMOS NOS
LIBERTAR!

Em linguagem imperativa, vários slides apresentam notável antiesquerdismo, manuseando informação de forma peculiar ou enganosa. Como segue: “Após 30 anos em que a esquerda corrompeu a democracia e estagnou a economia, faremos uma aliança da ordem com o progresso: um governo Liberal Democrata” (slide 10); “Enfrentaremos o viés totalitário do

Foro de São Paulo¹⁸, que desde 1990 tem enfraquecido nossas instituições democráticas” (slide 11); “Mais de UM MILHÃO (sic) de brasileiros foram assassinados desde a 1ª reunião do Foro de São Paulo” e “Epidemia de crack, introduzido no Brasil pelas filiais das FARC” (slide 12).

O slide 14 traz apenas, em letras maiúsculas, os dizeres “O PROBLEMA É O LEGADO DO PT DE INEFICIÊNCIA E CORRUPÇÃO”. Já no 27, um mapa do Brasil em tons de vermelho, com símbolos alusivos ao comunismo e ao PT., associa o aumento da criminalidade em alguns estados ao fato de serem, supostamente, governados por partidos ligados ao Foro de São Paulo:

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

VAMOS AOS NÚMEROS: ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018 DO IBGE
[HTTP://WWW.IPEA.GOV.BR/PORTA1/IMAGES/STORIES/PDFS/RELATORIO_INSTITUCIONAL/180804_ATLAS_DA_VIOLENCIA_2018.PDF](http://www.ipea.gov.br/porta1/images/stories/pdfs/relatorio_institucional/180804_atlas_da_violencia_2018.pdf)

Figura 2.1 - Brasil: variação nas taxas de homicídios por Unidade da Federação (2006 a 2016)



Coincidentemente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade.

Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSPP.

BOLSONARO2018

Figura 1. Atlas da violência.

O elogio das Forças Armadas e do Golpe Militar de 1964 pode ser observada no slide 33 que afirma, “ “dentre instituições, grupos, pessoas, ou atividades, que tiveram sua imagem atacada pela doutrinação ideológica de esquerda, certamente as Forças Armadas do Brasil estão

¹⁸ Organização que reúne partidos políticos e organizações de esquerda da América Latina e Caribe, criada em 1990, com o objetivo de discutir alternativas políticas para a região em frente às reformas neoliberais da época, além de buscar promover uma maior integração política, cultural e econômica. A organização também é vítima de diversas teorias de conspiração criadas e propagadas pela direita radical.

entre as que mais sofreram”; e que “houve clara intenção de desconstruir a imagem desta espinha dorsal da Nação, afinal, elas são o último obstáculo para o socialismo”. Segue dizendo que as Forças Armadas brasileiras foram as únicas da América Latina a combater na Segunda Guerra Mundial e que depois foram as responsáveis por impedir a tomada de poder pelos comunistas na década de 60. Concluindo que: “ a Nação olha para as Forças Armadas como garantia contra a barbárie”.

Em relação à educação nacional, o programa promete expurgar “a ideologia de Paulo Freire” (slide 46), sendo a conjecturada doutrinação ideológica e dogmática de viés esquerdista vista como um dos principais males que acometem o ensino no país em seus diversos níveis.

O último slide de relevância é o 79 que se refere às relações exteriores do Brasil, intitulado “O NOVO ITAMARATY”. Defende que o Ministério “precisa estar a serviço de valores que sempre foram associados ao povo brasileiro”, sem especificar quais valores seriam esses. Assevera também que se deve parar de “louvar ditaduras assassinas e desprezar ou mesmo atacar democracias”. Ademais, fala em promover o estabelecimento de relações bilaterais com países que teriam sido “preteridos por razões ideológicas”, além uma maior integração regional com países da América Latina que não estejam sob o governo de ditaduras.

Em suma, a simplicidade e falta de detalhamento do plano de governo de Bolsonaro são notáveis, sobretudo em áreas como Segurança, Saúde e o combate à corrupção. Para os fins deste trabalho, permite somente algum vislumbre sobre a visão de nação do ideário bolsonarista, com o Brasil descrito como um país que precisa ser resgatado de abusos na administração pública por políticos corruptos e da ideologização esquerdista, que seria fruto de anos de governos petistas e teria roubado a Liberdade do povo brasileiro.

5.2 METAPOLÍTICA¹⁷

“Metapolítica¹⁷ – contra o globalismo é o nome do blog mantido por Ernesto Araújo, que ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro até março de 2021. Reconhecido como um dos principais nomes da chamada ala ideológica do governo, Araújo escreveu treze textos no decorrer do período entre os dois turnos das eleições de 2018. A relevância deles se revela a partir do fato de o indivíduo em questão, posteriormente, vir a ocupar a cadeira mais alta do Itamaraty. Tendo, portanto, papel fundamental na modelação da imagem que o governo procuraria criar e difundir de Brasil diante do restante do mundo. Logo, inspecionar um pouco dessa cosmovisão auxilia numa maior compreensão da identidade nacional e do nacionalismo através do bolsonarismo.

Em “A Nação está voltando”, publicado em 16 de outubro de 2018, Araújo contrapõe os conceitos de Estado e Nação, argumentando que o primeiro, entendido como organização política soberana, usurpou do segundo, que possuiria uma característica transcendental, a importância a ser considerada. Para ele:

A Nação era uma espécie de padrão-ouro da política, uma realidade concreta, historicamente enraizada, incorruptível como o ouro, contra a qual se media o Estado, papel-moeda que só valia porque se sabia que atrás havia a Nação pulsante. A partir de algum momento, ficamos só com o papel-moeda, só com o Estado, circulando num oceano de valores abstratos, onde ninguém mais procura saber se algo real e firme está por trás.

A Nação vivia no coração dos homens, o Estado vive somente em suas cabeças.

Ou seja, para Araújo, o processo histórico das últimas décadas se caracteriza pela perda da importância da Nação frente ao Estado. Para piorar, com o processo de globalização, que se intensificou a partir dos anos 90, o Estado passou, para ele, a correr o risco de perder importância devido à necessidade de derrubada de barreiras ao livre fluxo de recursos pelo globo. Nessa linha, a globalização, sustenta Araújo, se encontraria com o comunismo, isto é, a defesa da abolição do Estado. De modo que o mundo, após perder as nações, perderia também os Estados, pois:

O globalismo surgiu quando alguém entendeu que o consumismo era o melhor caminho para o comunismo. Quando o objetivo de um mundo sem quaisquer fronteiras para o comércio e os investimentos tornou-se o projeto de um mundo sem quaisquer fronteiras ponto, um mundo onde desapareceria o Estado e se instalaria o totalitarismo mais completo, o totalitarismo que teria destruído até mesmo o poder estatal, frágil fio de Ariadne que ainda ligava a humanidade à transcendência.

Porém, ao final do mesmo texto, ele afirma que a Nação, com N maiúsculo, está retornando:

Pois essa marcha da desumanização está parando. Surgiu uma força que a detém. Essa força não é outra senão a Nação. A velha Nação desceu do sótão, rejuvenescida, quando ninguém mais esperava, e está rompendo o sistema redondinho do globalismo pós-nacional e pós-estatal. A Nação devolve a esperança de uma humanidade autêntica, conectada consigo mesma, livre do materialismo primário, livre do nominalismo exterminador do pensamento.

“Sequestrar e Perverter”, publicado dia 12 de outubro de 2018, começa com uma crítica do autor à esquerda, à qual acusa de confiscar e corromper causas legítimas. O primeiro exemplo dado é o referente à causa ambiental, que seria pervertida no “climatismo” definido como a ideologia da mudança climática. Isso porque, a comunidade científica, sob influência da esquerda, estaria tomada por uma doutrina que concebe o aquecimento global como sendo causado pelo ser humano através da exploração extensiva e inconsequente dos recursos naturais do planeta. Os críticos dessa noção, ao se manifestarem contra a ideia, seriam ostracizados. As

reais razões para a “ideologia da mudança climática”, como colocado pelo autor, estariam na interferência na soberania dos Estados nacionais e seguiria o plano globalista de fortalecer o poder da China. Em suas palavras:

Esse dogma vem servindo para justificar o aumento do poder regulador dos Estados sobre a economia e o poder das instituições internacionais sobre os Estados nacionais e suas populações, bem como para sufocar o crescimento econômico nos países capitalistas democráticos e favorecer o crescimento da China. (Parte importante do projeto globalista é transferir poder econômico do Ocidente para o regime chinês...)

A outra causa seria a trabalhista. O texto busca correlacionar o “sequestro” da causa dos direitos trabalhistas ao nome do Partido dos Trabalhadores como exemplo. Assim sendo, o PT não possuiria reais trabalhadores em sua estrutura partidária, mas sim, burocratas, agitadores, artistas, intelectuais marxistas e etc, e nas eleições de 2018 estariam diante dos reais trabalhadores, cansados de seus esquemas. No Brasil, para Araújo, “os trabalhadores de verdade, sequestrados pela esquerda, estão conseguindo libertar-se do cativeiro e não se deixam mais perverter. Hoje temos no Brasil o embate entre, de um lado, os trabalhadores, e do outro o ‘Partido dos Trabalhadores’”.

A defesa da preservação da nação e de símbolos nacionais não só por Bolsonaro, mas por personagens como seu futuro Ministro das Relações Exteriores afetou a campanha de Fernando Haddad (PT), ao adentrar o segundo turno ele mudou as cores usadas em suas propagandas e *slogans* do vermelho tradicional do partido para o verde e amarelo da bandeira nacional¹⁹. Circunstância que levou Araújo a advertir:

De fato, o PT é tão “dos trabalhadores” quanto o coração de Haddad é verde e amarelo. No momento isso parece óbvio, o novo marketing petista é uma jogada ridícula. Porém, olhando toda a história da esquerda, essa mudança de cores deve preocupar-nos. Não deixemos que o PT faça com a nossa bandeira, com a nacionalidade, o mesmo que já fez com o meio ambiente, com o trabalho e com tantas coisas: sequestrar e perverter

Em “História e Mito”, após uma divagação sobre a natureza da história e o valor sentimental que o mito teve na história humana, Araújo parte novamente para a crítica contra o marxismo globalista. A utopia marxista teria como um de seus objetivos o fim da história, o que, na lógica do texto, também levaria ao fim dos mitos. Citando Fukuyama, afirma que a resistência contra o dito plano para o fim da história estaria na ressurgência de um mito, o orgulho nacional:

A globalização triunfante que, no início dos anos 90, proclamou o fim da história, não estava senão enunciando um conceito marxista. Mais do que isto: sem o saber, estava hasteando a bandeira comunista ao mastro de uma nova sociedade universal

¹⁹ Vide: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/haddad-tira-lula-e-reduz-vermelho-de-material-de-campanha.shtml>

materialista. (Fukuyama, autor do famoso ensaio e depois livro “O fim da história e o último homem”, sabia, tanto que deixou a porta aberta para a continuação da história através do conceito de *thymos*, o orgulho, notadamente o orgulho patriótico, segundo ele única força capaz de salvar a história da extinção).

No Brasil, como em outras partes do mundo, a ressurgência do nacionalismo seria um fenômeno de resposta aos efeitos da globalização e, no exemplo em análise, do globalismo. Neste esquema, por fim, a bandeira nacional desempenha o papel de “membrana”, onde “o universo mítico e o universo histórico se tocam e se reconectam. Essa bandeira volta a tremular, volta a verticalizar-nos, devolve-nos à aventura. No ponto único que ora vivemos, história e mito se cruzam, nos restituem um centro, nos enchem de sentido”. Não sendo à toa, que “mito” é a forma como os simpatizantes de Jair Bolsonaro se referem ao político.

5.3 VÍDEOS DE PROPAGANDA ELEITORAL PARA O SEGUNDO TURNO

No Brasil, os candidatos que concorrem ao segundo turno das eleições dispõem da mesma quantidade de tempo de exposição na rede de televisão nacional. Isso beneficiou, sobretudo, a campanha de Jair Bolsonaro. O candidato desfrutou de apenas oito segundos de propaganda no decorrer do primeiro turno e agora teria à disposição cinco minutos diários, a mesma quantidade de tempo de seu oponente Fernando Haddad.

Os vídeos da campanha têm o objetivo de demonstrar algumas das principais propostas dos candidatos, bem como realizar ataques ao concorrente. Os vídeos analisados se encontram disponíveis no site do YouTube e as propagandas foram exibidas em rede nacional entre os dias 12 e 26 de outubro de 2018, em dois horários.

Em um deles²⁰, o vídeo se inicia já com um ataque ao Foro de São Paulo e aos governos petistas (2002 – 2016). O narrador cita, com a Queda do Muro de Berlim, que a Europa se libertava de um “marco do comunismo”, enquanto no Brasil, em 1990, era realizado o primeiro encontro do Foro, “um grupo político com viés ideológico comunista de esquerda”. O propósito da organização é então descrito como sendo um “projeto de doutrinação e domínio político” sobre a América Latina. A propaganda se refere à Cuba como o “país mais atrasado do mundo” e a Venezuela estando “devastada”. O Brasil, após mais de uma década de governo petista, se encontraria “em sua maior crise ética, moral e financeira há história”, estando o país “à beira de um abismo”. É dito que o Partido dos Trabalhadores fez da capital do país, Brasília, assim

²⁰ 2º Turno: propaganda eleitoral de Jair Bolsonaro. Youtube, data de publicação não disponível. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ltHbinrJMGI> . Acesso em: 10/05/2021.

como teria ocorrido em Cuba e na Venezuela, “um balcão de negócios”. À corrupção, são adicionadas a violência urbana e o desemprego como mazelas sofridas pela população brasileira. Aludindo à cor tradicionalmente usada por movimentos de esquerda, atesta “ o vermelho jamais foi a cor da esperança. O vermelho é um sinal de alerta para o que não queremos para este país”, para então completar com a declaração: “nossa bandeira é verde e amarela. Nosso partido é o Brasil”.

A quarta propaganda eleitoral²¹, prossegue nos ataques generalizados contra a esquerda brasileira, afirmando que a falta de segurança e a pobreza que assolam o país é culpa dela. As asserções ali presentes, “Vamos seguir levando a esperança de construir uma Nação segura para nossas famílias, com um presidente honesto, independente e que não tem medo de enfrentar essa face do mal!”; e o mantra “Meu partido é o Brasil e o Brasil vai vencer o PT!”, são indicativos de uma narrativa de construção do inimigo. A demonização da esquerda e do Partido dos Trabalhadores é colocada de forma a apresentar estes como adversários da nação e como a encarnação do mal, enquanto Bolsonaro é apresentado como honesto e independente, o homem que colocará os reais interesses do país acima de tudo, trazendo a esperança de salvação.

O vídeo ainda acusa o PT de ter “quebrado” a economia do país e ter usado as relações exteriores para beneficiar nações “amigas”, voltando a citar Cuba e Venezuela, além de Bolívia e Nicarágua, descrevendo tais países como ditaduras de esquerda. O candidato aparece na produção defendendo a desburocratização e a desregulamentação do mercado para o país fazer “comércio com o mundo todo, sem o viés ideológico”.

No sexto vídeo²², a campanha eleitoral mira a região Nordeste, reconhecido reduto eleitoral petista. Exibindo apoiadores, *jingles* e animações feitas em estilo artístico tradicional da região, a propaganda introduz a ideia de um Nordeste diante da libertação para o novo. Para isso, se busca trazer à tona o apego do nordestino à família, à tradição e aos costumes e valores ditos tradicionais, elementos comuns no repertório discursivo bolsonarista. “Azul, branco, amarelo e verde é a nossa bandeira, com fé na força do povo ela jamais será vermelha”, entoa a canção ao final do vídeo.

²¹ 4º propaganda eleitoral do Bolsonaro no segundo turno”. Youtube, 17/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNEGIRqTxRc> . Acesso em: 11/05/2021.

²² 6º propaganda eleitoral oficial de Jair Bolsonaro no 2º turno”. Youtube, 19/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GR40DReZK9A> . Acesso em: 11/05/2021.

O décimo vídeo de propaganda²³ diz que a chapa concorrente é formada por “ateus”, afirmando que os candidatos “desrespeitam a fé do povo brasileiro indo à missas e cultos”. Fala ainda que eles teriam como intenção mudar a Constituição Federal, de forma semelhante ao que teria ocorrido na Venezuela, com o objetivo final de se perpetuar no poder.

O país vizinho é um alvo constante nas propagandas. A 11ª propaganda²⁴ mostra figuras políticas do PT (Lula, Haddad e Dilma Rousseff), além de Nicolás Maduro da Venezuela, tremulando sobre o que se revela ser uma bandeira vermelha, mas que, de repente, torna-se a bandeira do Brasil. O lema “Nosso partido é o Brasil” volta a aparecer. Afinal, Bolsonaro é sempre apresentado como um líder “livre e independente”, ficando a sugestão que o país se reencontraria como Nação se por ele guiada.

5.4 O DISCURSO DE VITÓRIA

O discurso de vitória²⁵ fora proferido por Jair Messias Bolsonaro na noite de 28 de outubro de 2018, com o encerramento do segundo turno das eleições presidenciais.

Se inicia com a citação de uma passagem bíblica (João 8:32, “Conhecereis a verdade e a verdade vós libertará”). O então presidente eleito agradece a todos os seus eleitores por terem escolhido colocar o Brasil acima de tudo. Fazendo o que diz ser um “juramento à Deus”, promete que seu governo será um defensor da democracia, da liberdade e da Constituição. “A verdade vai libertar este grande país, e a liberdade vai nos transformar em uma grande nação”, declara.

Seguindo a cartilha neoliberal presente em seu plano de governo, promete a desburocratização e a redução da estrutura do governo federal. A crítica ao Estado grande surge ao invocar o federalismo:

As pessoas vivem nos municípios; portanto, os recursos federais irão diretamente do governo central para os estados e municípios. Colocaremos de pé a federação brasileira. Nesse sentido é que repetimos que precisamos de mais Brasil e menos Brasília.

²³ 10º propaganda eleitoral do Bolsonaro no segundo turno”. Youtube, 25/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iD3F0C0Ewa0> . Acesso em: 11/05/2021.

²⁴ “11º programa eleitoral do 2º turno de Bolsonaro faz críticas ao PT e faz aceno ao Nordeste”. Youtube, 26/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbrGspWMtJY> . Acesso em: 11/05/2021.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/integra-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-vitoria-eleitoral.ghtml> . Acesso em: 12/05/2021.

A ênfase na característica democrática da nação brasileira é dada diversas vezes no decorrer do discurso. A nação é vista como única e indivisível: “somos todos um só país, somos todos uma só nação! Uma nação democrática!”.

Como é de se esperar em discursos de vitória eleitoral, diversas promessas são mencionadas para as mais variadas esferas da vida social, política e econômica, tanto internamente ao país quanto à sua relação com o restante do mundo: “libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que foram submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas”. Voltando a enfatizar a grandeza do país, os elementos de liberdade e democracia que restauraria, Bolsonaro encerra seu discurso com as seguintes palavras: “Somos um grande país e agora vamos, juntos, transformar esse país em uma grande nação, uma nação livre, democrática e próspera!”. Para então arrematar com seu slogan de campanha: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos!” .

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ressurgimento do nacionalismo no século XXI é um fenômeno que muitos poderiam pensar como improvável há alguns anos atrás. Ainda assim, é exatamente isso que se pode constatar em diferentes partes do globo. Nacionalismo este de caráter populista, uma crença que encontrou na chamada extrema direita sua principal porta-voz por ela contestar a globalização e reafirmar um passado nostálgico de grandeza da nação, assumindo, muitas vezes, tons de xenofobia e exclusão cultural.

No Brasil, como argumentado por este presente trabalho, o bolsonarismo é uma representação brasileira desta variação de nacionalismo. A análise das fontes textuais aqui utilizadas compõe a imagem de um Brasil que necessitaria de resgate, pois em sua maior crise histórica. A Liberdade é tratada como um valor fundamental a ser estabelecido na nação, ao mesmo tempo em que o país é entendido como sendo conservador, cristão e tradicional por natureza. A retórica utilizada por Bolsonaro durante a campanha contra seus adversários políticos deixa claro uma estratégia de demonizar seus oponentes e de desvalidar o sistema político.

Obviamente, é fundamental a contínua pesquisa acerca do fenômeno do bolsonarismo e quais suas consequências para o Brasil e a sociedade brasileira. Como fenômeno inédito, o bolsonarismo ainda será objeto de estudos por muitos anos. Principalmente porque o mundo contemporâneo, marcado por crises econômicas e contestação dos sistemas políticos vigentes, poderá continuar a oferecer combustível para movimentos populistas que encontram seu

respaldo na retórica nacionalista. As implicações de agendas fundamentadas na defesa da identidade nacional, frente aos efeitos do processo de globalização, podem nos oferecer um retrato de parte significativa da realidade histórica atual.

Referências bibliográficas

ALONSO, Angela. **A comunidade moral bolsonarista**. Democracia em Risco – 22 ensaios sobre o Brasil Hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CEPÊDA, Vera Alves. **A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes contextuais**. Dossiê – Interpretações do Brasil contemporâneo, 2018.

FRASER, Nancy. **Rethinking Recognition**. New Left Review, 2000.

FUKUYAMA, Francis. **Por que as identidades nacionais importam**. Journal of Democracy em Português, Volume 7, Número 2, Novembro de 2018.

GIROUX, Henry A. **White Nationalism, armed culture and state violence in the age of Donald Trump**. Philosophy & Social Criticism, 2017.

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. **The New Far-Right in Brazil and The Construction of a Right Wing Order**, 2019.

GREENFELD, Liah. **Nacionalismo: cinco caminhos para a modernidade**. Publicações Europa-América, 1998.

GRIFFIN, Roger. **Interregnum or endgame? The radical right in the ‘post-fascist’ era**. Journal of Political Ideologies, 2000.

HALIKIOPOULOU, Daphne; VLANDAS, Tim. **What is new and what is nationalist about Europe’s new nationalism? Explaining the rise of the far right in Europe**. Oxford, 2019.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas. Do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780 : programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.

HUNTER, James D. **Culture Wars: The Struggle To Define America**. 1991.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2017.

NASCIMENTO, Paulo César. **Dilemas do Nacionalismo**. São Paulo: BIB, 2003.

OST, David. **Politics as the Mobilization of Anger: Emotions in Movements and in Power**. European Journal of Social Theory, 2004.

RODRÍGUEZ-AGUILERA DE PRAT, Cesáreo. **Euroscepticism, Europhobia and Eurocriticism: The Radical Parties of the Right and Left "Vis-À-Vis" the European Union.** Bruxelas: Peter Lang S.A. International Academic Publishers, 2013.

RYDGREN, Jens; BETZ, Hans-Georg; BAR-ON, Tamir. **The Oxford Handbook of the Radical Right.** Oxford University Press, 2018.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. **Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil.** Colombia Internacional, no. 99, 151-186, 2019.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WEYLAND, K. (2017). **Populism: A Political-Strategic Approach.** The Oxford Handbook of Populism. Oxford University Press, 2015.